



SISTEMA DE PRODUÇÃO E PANORAMA DA CULTURA DO URUCUM NO BRASIL

FABRI, E.G.^{1*}, ARAKAKI, R.H.², VICENTE, J.M.³, PANTANO, A.P.⁴, TERAMOTO, J.R.S.⁵,
ABDO, M.T.V.N.⁶, MARTINS, A.L.M.⁷

1. INTRODUÇÃO

A *Bixa orellana* L. é uma espécie pertencente à família botânica Bixaceae, popularmente conhecida nas mais diversas regiões do Brasil, como urucum. É uma planta, originária do Brasil, ocorrendo principalmente na região amazônica.

É uma planta arbórea, rústica e perene, o tronco apresenta coloração parda. A copa é bem desenvolvida. As folhas são pecioladas e alternadas, as flores são de coloração branca, rósea e lilás, aparecendo na ponta dos galhos, reunidas em panículas terminais. O fruto é do tipo cápsula, com espinhos macios, deiscente ou não, de formato e tamanho variado, com dois ou três carpelos, contendo de 30 a 50 sementes, com arilo ceroso de cor laranja ou vermelha, reunidos em cachos com até 25 unidades (ROSALEN et al., 1991; RAMALHO et al., 1987).

O urucum é uma planta muito útil, usada desde tempos remotos pelos indígenas, que pintavam a pele com fins ornamentais e também como repelente a mosquitos (SÃO JOSÉ & REBOUÇAS, 1990).

A importância econômica do urucum deve-se principalmente ao teor de bixina, substância corante presente em suas sementes, cujo uso tem sido impulsionado pela proibição da utilização de corantes sintéticos nas indústrias de alimentos, bem como, nas de cosméticos (FERREIRA & FALESI, 1989).

2. SISTEMA DE CULTIVO DO URUCUM

As lavouras de urucum são oriundas de mudas produzidas a partir de sementes. Devido à produção de mudas ser realizada a partir de sementes, não temos, lavouras, totalmente homogênea. Na década de 1980 quando a cultura começou a ganhar expressão no

¹Centro de Horticultura, Instituto Agrônomo, Campinas, SP. E-mail: efabri@iac.sp.gov.br

²Casa da Agricultura, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, São João do Pau D'Alho, SP.

³Casa da Agricultura, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, Monte Castelo, SP.

⁴Centro de Ecofisiologia, Instituto Agrônomo, Campinas, SP.

⁵Centro de Recursos Genéticos, Instituto Agrônomo, Campinas, SP.

^{6,7}Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, Polo Apta Centro Norte, Pindorama, SP.

* Autor correspondente: Eliane Gomes Fabri (efabri@iac.sp.gov.br)



estado de São Paulo, as primeiras lavouras foram cultivadas com diversos materiais como, Peruano, Casca Verde, Bico de Pato, Casca Vermelha e Comum. As lavouras eram irregulares e totalmente coloridas, devido à mistura de sementes.

Apenas duas cultivares são registradas junto ao Ministério da Agricultura e Abastecimento – MAPA, que são: BR-36 e BR-37, porém, no passado os produtores paulistas receberam um “blend” desses dois genótipos o qual recebia o nome de Piave. De acordo com relatos de produtores, inicialmente foi muito difícil manejar a lavoura com esse novo material, as plantas tinham um comportamento diferente, porte bem maior, baixa produtividade, mais tardia do que os materiais como Peruano, Casca Verde e Comum. A partir dessas dificuldades, nas lavouras do estado de São Paulo, os produtores iniciaram de forma empírica seleção massal de materiais, que aos olhos deles e de acordo com o resultado da análise de bixina, o teor de corante, se fosse bom, acima de 4% de bixina, se a planta fosse produtiva e apresentasse características, da qual, julgasse interessante, guardava-se dessa semente, para fazer as próprias mudas e assim, implantando novas lavouras e selecionando cada vez mais esses materiais. Essa atividade de seleção de novos materiais pelos produtores paulistas é continua ao longo dos mais de trinta anos de cultivo de urucum no estado. Esses materiais selecionados por esses produtores foram e ainda são distribuídos para outros produtores de outros municípios e estados.

O Instituto Agrônômico – IAC iniciou em 1980 a formação de uma coleção de germoplasma de urucunzeiros. Porém, por motivos diversos o programa de melhoramento foi interrompido, sendo retomado a partir de 2005. Temos empenhado esforços de diversos pesquisadores dos diversos institutos que compõem a Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios – APTA bem como, parcerias com outras instituições de ensino e pesquisa como a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ/USP e Universidade de Campinas – UNICAMP, na caracterização e seleção de materiais, para fins, de novos cultivares que atendam a demanda do produtor e principalmente da indústria. Temos como objetivo, selecionar materiais que atendam os interesses de todos os elos desta cadeia produtiva. Desta forma, o contato direto com os produtores e o bom relacionamento com o setor industrial é extremamente importante para o melhoramento genético do urucum e a obtenção de novas cultivares.

O cultivo do urucum é convencional, o espaçamento adotado pelos produtores são os mais variados possíveis. Podemos dizer que, para a definição do espaçamento a ser adotado numa lavoura, depende do tipo de material de urucum que será cultivado, por exemplo, se for uma planta de porte baixo ou porte alto, tipo de solo e clima. Mas como referência podemos citar que o espaçamento mais usado é o 6,0 m x 5,0 m.



Atualmente, novos espaçamentos vêm sendo testados pelos produtores, pois muitos estão adotando manejo mais mecanizado e para que isso seja viável é necessário fazer alguns ajustes. Desta forma, temos visto espaçamentos 7,0 m x 3,0 m; 6,0 m x 3,0 m ou 5,0 m x 2,0 m.

De um modo geral, para a implantação da cultura do urucum, algumas regras básicas e comuns a outras culturas devem ser seguidas como: histórico da área, análise do solo, correção da acidez, preparo da área, aração, gradagem, de acordo com as necessidades e adubação de plantio e cobertura e adubação de produção de acordo com o recomendado pela cultura e a análise de solo. Deve-se fazer o controle de pragas e doenças.

3. PANORAMA DA CULTURA DO URUCUM NO BRASIL

A substituição dos corantes sintéticos por corantes naturais nas indústrias de diversos segmentos tais como: alimentos, cosméticos, farmacêuticos, têxtil entre outras, continuam crescentes, estimulando a implantação de novas lavouras de urucum no Brasil. Havendo dessa forma, uma expansão da cultura, por regiões não tradicionais com o cultivo do urucum e que vem se tornando polos produtores de urucum.

Dentre esses polos produtores, podemos destacar no estado de São Paulo a tradicional região da Alta Paulista, com ênfase para os municípios de Monte Castelo e São João do Pau D'Alho, seguidos nesta região por outros municípios como, Tupi Paulista, Ouro Verde, Junqueirópolis, Dracena, Paulicéia e Santa Mercedes. Nestes municípios os produtores vêm adotando a cultura do urucum, como uma nova alternativa de renda, havendo uma expansão da cultura na região. A região de Mirante do Paranapema, Teodoro Sampaio, Sandovalina e Presidente Venceslau são outro polo produtor importante no estado de São Paulo. Na região de Castilho, Andradina, Nova Independência, Ilha Solteira, Jales e Votuporanga, a cultura do urucum vem ganhando espaço e a preferência entre os produtores.

No estado de Rondônia a cultura que até meados de 2010 concentrava-se no cone sul, na região de Corumbiara, Cerejeiras, Cabixi e Colorado do Oeste, atualmente tem a cultura sendo cultivada em todas as regiões do estado, até mesmo, aos arredores e na zona rural da capital Porto Velho.

O estado de Mato Grosso do Sul, sem nenhuma tradição no cultivo do urucum, tem visto pequenos e médios produtores dos municípios de Nova Alvorada do Sul, Ivinhema, Deodápolis, Selvíria entre outros municípios adotarem a cultura do urucum como uma nova fonte, ou como, uma alternativa de diversificação de renda na propriedade.

Na região Sul do Brasil, o destaque fica para a região norte do estado do Paraná, destacamos os municípios de Paranacity e Cruzeiro do Sul, a limitação da expansão no



Paraná, bem como, para os demais estados da região Sul do Brasil, está diretamente ligado às limitações climáticas, principalmente às baixas temperaturas.

O Brasil é o maior produtor de urucum, sendo responsável por 57% da produção mundial em 2015, seguido pelo Peru com 31%, Costa do Marfim e Gana, Quênia, Guatemala, República Dominicana, Bolívia, Equador, Índia e México. No Brasil, o estado de São Paulo é o maior produtor, seguido por Rondônia, Pará e Paraná (FABRI, 2015).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FABRI, E.G. Demanda por corantes naturais aquece mercado brasileiro de urucum. Sociedade Nacional de Agricultura. Notícia publicada em 21/07/2015. In: <http://sna.agr.br/demanda-por-corantes-naturais-aquece-mercado-brasileiro-de-urucum/> (Acesso em 26/11/2015).

FERREIRA, W.A.; FALESI, I.C. Características nutricionais do fruto e teor de bixina em urucum (*Bixa orellana* L.). Belém: EMBRAPA-CPAT, 1989. 31p.

RAMALHO, R.S.; PINHEIRO, A.L.; DINIZ, S.D. Informações básicas sobre a cultura e utilização do urucum *Bixa orellana* L. Viçosa, MG: UFV, 1987.22p. (Boletim Técnico, 59)

ROSALEN, D.L.; HAAG, H.P.; SIMÃO, S. Requerimento nutricional da cultura do urucum. In: SEMINÁRIO DE CORANTES NATURAIS PARA ALIMENTOS, 2.: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO URUCUM, 1., 1991, Campinas. Anais...Campinas: ITAL, 1991, p.305.

SÃO JOSÉ, A.B.; REBOUÇAS, T.N.H. A cultura do urucum no Brasil. Vitória da Conquista, BA, UESB, 1990. 109p.